

Estágio supervisionado e o ser professor de Filosofia: o que dizem os licenciandos?¹

Resumo

O objetivo deste artigo foi compreender como licenciandos do curso de Filosofia percebem a relevância do estágio supervisionado na sua formação como futuros professores de Filosofia. A pesquisa foi de natureza qualitativa e os dados, coletados em entrevistas realizadas com 17 licenciandos, foram organizados e analisados mediante a análise de conteúdo. Foram identificadas cinco categorias: representações sobre o estágio supervisionado; representações sobre Filosofia; motivação para cursar Filosofia; experiência com a Filosofia no Ensino Médio; aula de Filosofia como experiência filosófica. Os resultados evidenciam que as percepções sobre o estágio supervisionado e o ser professor de Filosofia ancoram-se nas representações que os licenciandos constroem sobre a Filosofia e o estágio em si, bem como na motivação para a escolha do curso e na experiência com a disciplina no Ensino Médio. Há, ainda, indícios da vivência da aula de Filosofia como experiência filosófica durante a formação dos estudantes pesquisados.

Palavras-chave: educação; ensino de Filosofia; formação de professores; estágio supervisionado em Filosofia.

Fábio Antonio Gabriel

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP – Jacarezinho/PR – Brasil
fabioantoniogabriel@gmail.com

Ana Lúcia Pereira

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG – Ponta Grossa/PR – Brasil
ana.lucia.pereira.173@gmail.com

Para citar este artigo:

GABRIEL, Fábio Antonio; PEREIRA, Ana Lúcia. Estágio supervisionado e o ser professor de Filosofia: o que dizem os licenciandos?. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 367-389, jan./abr. 2023.

DOI: 10.5965/1984723824542023367

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824542023367>

¹ O autor agradece a Bolsa de Doutorado concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)/Fundação Araucária, e a autora agradece a Bolsa de Produtividade da Fundação Araucária.

Supervised Internship and being a Philosophy teacher: What do the teaching undergraduate students say?

Abstract

The aim of this paper was to understand how teaching undergraduate students of the Philosophy course perceive the relevance of the supervised internship in their training as future Philosophy teachers. The research was of a qualitative nature and the data, collected in interviews with 17 undergraduate students, were organized and analyzed through the content analysis. Five categories were identified: representations about the supervised internship; representations about Philosophy; motivation to study Philosophy; experience with Philosophy in High School; Philosophy class as a philosophical experience. The results show that the perceptions about the supervised internship and being a teacher of Philosophy are anchored in the representations that the teaching undergraduate students build about Philosophy and the internship itself, as well as in the motivation for choosing the course and in the experience with the discipline in High School. There is also evidence of the experience of Philosophy class as a philosophical experience during the training of the students researched.

Keywords: education; Philosophy teaching; teacher training; supervised internship in Philosophy.

Práticas supervisionadas y el ser profesor de Filosofía: ¿qué dicen los estudiantes?

Resumen

El objetivo de este artículo fue comprender cómo estudiantes de la carrera de Filosofía perciben la relevancia de las prácticas supervisionadas en su formación como futuros profesores de Filosofía. La investigación fue de naturaleza cualitativa y los datos, recogidos en entrevistas a 17 estudiantes, fueron organizados y analizados mediante el análisis de contenido. Fueron identificadas cinco categorías: representaciones sobre las prácticas supervisionadas; Representaciones en Filosofía; motivación para estudiar Filosofía; experiencia con la Filosofía en la Enseñanza Secundaria; clase de Filosofía como experiencia filosófica. Los resultados muestran que las percepciones sobre las prácticas supervisionadas y el ser profesor de Filosofía están ancladas en las representaciones que los licenciados construyen sobre la Filosofía y las prácticas en sí, así como la motivación para la elección de la carrera y en la experiencia con una asignatura en la Enseñanza Secundaria. Hay, aún, indicios de la vivencia de la clase de Filosofía como experiencia filosófica durante la formación de dos estudiantes encuestados.

Palabras clave: educación; enseñanza de Filosofía; formación de profesores; prácticas supervisionadas en Filosofía.

1 Introdução

Esta investigação, de natureza qualitativa, situa-se no contexto de experiência em curso de Pós-Doutorado, no qual retomamos os dados de pesquisa que ainda não foram suficientemente explorados. Em particular, neste artigo, procuramos aprofundar uma análise sobre entrevistas realizadas com 17 licenciandos do curso de Filosofia de uma universidade pública do estado do Paraná acerca das respectivas percepções sobre o estágio supervisionado, como também sobre o próprio conceito de Filosofia. O objetivo geral consiste, assim, em compreender como esses licenciandos percebem a relevância do estágio supervisionado na sua formação como futuros professores de Filosofia. Mais especificamente, buscamos analisar o estágio supervisionado como parte integrante da formação dos futuros professores de Filosofia, concebendo tal formação como um elemento não divorciado da formação denominada teórica dos cursos de Licenciatura. O intuito é desvelarmos o quanto o estágio supervisionado pode contribuir para que os licenciandos, na Licenciatura, vivenciem uma experiência filosófica e possam, assim, dispor de condições de mediar uma experiência filosófica.

A pertinência epistemológica deste artigo justifica-se pela necessidade de pesquisas que contribuam para uma reflexão para que as Licenciaturas não funcionem como Bacharelados em Filosofia. Procuramos, com isso, superar a visão equivocada de desvalorizar-se o profissional formado em Filosofia que deseja seguir a trajetória de ser professor da área na Educação Básica. Partimos do pressuposto teórico de que não existe uma dicotomia entre teoria e prática e, assim, o estágio supervisionado não pode ser entendido como um adendo na formação de futuros professores, mas, sim, como integrante da formação integral do futuro professor.

Inicialmente, discorreremos a respeito do estágio supervisionado em Filosofia e a formação docente; em seguida, abordamos os aspectos metodológicos para uma aula no Ensino Médio como experiência filosófica; posteriormente, debruçamo-nos sobre as falas dos licenciandos coletadas durante as entrevistas, as quais se encontram divididas em cinco categorias: representações sobre o estágio supervisionado; representações sobre Filosofia; motivação para cursar Filosofia; experiência com a Filosofia no Ensino Médio; e, por fim, aula de Filosofia como experiência filosófica.

2 Estágio supervisionado em Filosofia: momento peculiar na formação de docentes

O estágio supervisionado em Filosofia constitui-se como um momento todo especial na formação de futuros professores. Assim sendo, precisamos não limitar o curso de Licenciatura a um Bacharelado. A licenciatura possui a especificidade de formar professores. Ressaltamos, assim, a relevância de superarmos a dicotomia formação filosófica e formação acadêmica, visto que estas são, comumente, colocadas em compartimentos estanques. Nesse sentido, Cerletti (2009) convida-nos a pensar a formação de futuros professores e o próprio ensino de Filosofia como um problema filosófico. O professor de Filosofia desempenha um papel particularmente importante pois ele ensina a pensar, atua como esteio para as outras disciplinas, embora o diferencial da transmissibilidade dos conteúdos de Filosofia não garanta que se efetive uma aprendizagem do filosofar. O filosofar depende da subjetividade do estudante, no sentido de ele vivenciar o que chamamos de experiência filosófica.

Por experiência filosófica entendemos uma vivência da Filosofia acolhendo-a de forma total na própria existência, ao realizar uma convergência das teorias filosóficas com a existência. Em oposição à experiência filosófica, temos o ensino meramente enciclopédico, que não possibilita ultrapassar os limites do mero descritivismo filosófico, o qual reproduz os diversos conceitos dos sistemas filosóficos sem que haja uma relação com o cotidiano do sujeito. Entendemos, nesse contexto, que é de grande importância o estágio supervisionado, porque ele possibilita o contato com a realidade escolar e permite o exercício da mediação de uma experiência filosófica com alunos do Ensino Médio. O professor de Filosofia tem a missão de ajudar os alunos no processo de buscar a autonomia do pensamento e aguçar o raciocínio desses estudantes. Como afirma Cerletti:

Os professores de filosofia ocupam o difícil lugar de transmissão, da provocação e do convite. Transmitem saberes, mas provocando o pensamento e convidando a pensar. Difundem certos conhecimentos, mas promovem sua apropriação pessoal. Tentam mostrar, em definitivo, que sobre toda repetição é imprescindível que o filósofo sobrevoe o terreno dos saberes aceitos fixando o olhar agudo em cada um deles, para interrogá-los e interrogar-se. Nisso radica-se sua *atitude*. (CERLETTI, 2009, p. 39, grifo do autor)

Um dos desafios nos processos de ensino e de aprendizagem da Filosofia consiste em não limitar o ensino a um mero descritivismo teórico de correntes de pensamento. A história da Filosofia é um importante conhecimento a ser transmitido, mas a simples memorização dos conteúdos dos sistemas filosóficos não garante a aprendizagem filosófica. Faz-se necessário, assim, ir além, como nos diz Cerletti (2009), no sentido de que o professor atue como agente provocador de reflexões.

Alves, Lima e Nascimento (2021) defendem a necessidade de entender-se o estágio supervisionado muito além de uma mera formalidade para concluir um curso de Licenciatura em Filosofia. Segundo os autores, é preciso superarmos uma visão meramente burocrática do estágio supervisionado. Nesse contexto, importa concebermos o estágio como uma área de conhecimento formativa e não como um adendo do curso de formação de professores (ALVES; LIMA; NASCIMENTO, 2021), cujo êxito depende, em grande parte, de um acurado diálogo entre a universidade e a escola. Quando a universidade não estabelece um diálogo com a realidade escolar, o licenciando pode ser prejudicado sobre o que é ensinado na formação universitária e na realidade do ambiente escolar.

Carneiro e Silva (2020) ressaltam o fato de que muitos cursos de Licenciatura em Filosofia não se configuram como Licenciaturas, mas, sim, como bacharelados. Nesses cursos, as disciplinas pedagógicas não estão integradas às disciplinas teóricas e constituem-se como um apêndice do curso para cumprir meramente com a exigência legal. Para Carneiro e Silva (2020, p. 9), “[...] na relação dialética entre teoria e prática construímos um filosofar que vai do subjetivo ao objetivo na busca do concreto e do espaço da Filosofia na docência”. Os pesquisadores trabalham com a questão do estágio como momento de decisão em relação a que perfil de professor se pretende adotar e, até mesmo, se esse licenciando pretende realmente dedicar sua vida ao ensino de Filosofia. Assim sendo, a seguir, dissertamos sobre a Filosofia no Ensino Médio.

3 A Filosofia no Ensino Médio – aspectos metodológicos para uma aula como experiência filosófica

A presença da disciplina de Filosofia no currículo tem se constituído um pêndulo de ausência/permanência na Educação Básica. Não é nosso propósito realizar uma investigação curricular sobre a presença e a ausência da disciplina no currículo, nem mesmo discutir a incerteza que se impõe diante do fato de como será oferecida após a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Temos o exemplo do estado do Paraná que, em 2021, reduziu a carga horária das disciplinas de Filosofia, Sociologia e Artes para apenas uma aula semanal.

Tal restrição dificulta significativamente os processos de ensino e de aprendizagem, porque não oferece condições para que os estudantes tomem um contato mais proveitoso com os conteúdos que a disciplina necessita oferecer. Isso é desgastante para o professor e para o aluno, uma vez que o conteúdo deve ser limitado e compromete justamente o exercício do aprender a pensar. Realizadas essas considerações, passamos a dissertar sobre a Filosofia no Ensino Médio e os aspectos metodológicos para uma aula como experiência filosófica.

Partimos das considerações de Cerletti (2009), que afirma a relevância de que se problematize, do ponto de vista filosófico, o que é ensinar Filosofia. O autor defende que ensinar Filosofia não é apenas uma questão didática de como ensinar, mas se constitui em um problema filosófico que busca responder à relevância de se construir uma reflexão filosófica sobre o que significa ensinar e aprender Filosofia. Nas palavras de Cerletti:

Construir o problema filosófico “ensinar filosofia” requer aceitar que se trata de uma questão de conceito e não apenas, ou simplesmente de estratégias de ensino, didática ou de metodologia. Levar ao conceito ou “ensinar filosofia” exige, por sua vez, reconhecer que as estratégias didáticas teriam um valor relativo diante das posições filosóficas que terão de ser assumidas, e poderão variar ante as diferentes decisões tomadas perante o problema “ensinar filosofia”. Por certo, uma mesma proposta didática pode não ser “boa” ou “má” em si, mas seu valor estará dado pela integração que tiver dentro do quadro conceitual que o professor construiu e que ele desenvolve na aula junto aos seus alunos. (CERLETTI, 2009, p. 79)

Nessa perspectiva, a própria definição de Filosofia que um determinado professor constrói impacta diretamente na forma como concebe o seu ensino. Defendemos, aqui, conforme já expressamos na primeira seção, um ensino de Filosofia como experiência filosófica. Isso implica uma busca para propiciar um diálogo entre os conteúdos de Filosofia do Ensino Médio com o cotidiano dos alunos, com a sua vivência concreta.

Nesse sentido, Mendes (2017) destaca a didática do ensino de Filosofia como uma problematização da relação entre ensino de Filosofia e cotidiano dos alunos do Ensino Médio e, também, aponta que a realidade escolar é produzida por diversos autores e, dentre eles, os alunos. Assim sendo, “[...] a investigação do cotidiano escolar do processo de ensino e aprendizagem da Filosofia no ensino médio é de fundamental importância para a compreensão de como os sujeitos recebem esta disciplina em sala de aula e que atitudes filosóficas eles desenvolvem” (MENDES, 2017, p. 143).

Gabriel (2017) apresenta-nos a importância de que a aula de Filosofia no Ensino Médio propicie uma experiência filosófica. O autor fundamenta suas reflexões em Deleuze e Guattari (2010) e Nietzsche (1978). Deleuze e Guattari (2010) trazem a compreensão da Filosofia como criação de conceitos, e Nietzsche (1978), o entendimento da verdade como metáfora. Quando compreendemos a verdade como metáfora, a experiência da Filosofia reveste-se de outro significado, superando uma visão de verdade dogmatizada. A verdade como metáfora compreende a verdade como fluida e, assim, cada um realiza uma experiência do pensar de forma a conectar-se com a própria realidade, pessoal, subjetiva. A subjetividade é algo extremamente importante na vivência da experiência filosófica. Segundo Gabriel:

Nesse novo entendimento da própria Filosofia, há uma valorização do pensamento, não enquanto comprometido com a verdade e, sim, com a experimentação e, desse modo, a Filosofia não está preocupada com a verdade estabelecida, e o que realmente importa é o devir do pensamento que criva no caos um novo plano de imanência. Criar conceitos implica então um movimento de negação de toda espécie de transcendência e de afirmação da existência através da intensificação da vida. (GABRIEL, 2017, p. 95)

Assim, uma aula como experiência filosófica implica a perspectiva de que o professor de Filosofia tenha, ele mesmo, vivenciado uma experiência do filosofar em sua existência para poder compartilhar com seus alunos a experiência de criar conceitos.

Quando falamos em criar conceitos, não queremos dizer necessariamente sobre a criação de conceitos de um filósofo profissional, mas, sim, que os estudantes do Ensino Médio disponham de condições de vivenciar uma experiência de relacionar os conceitos filosóficos com o cotidiano de sua existência. Delimitarmos a compreensão da aula de Filosofia como experiência filosófica é importante para entendermos a relevância do estágio supervisionado que possibilita uma vivência da realidade da experiência de lecionar Filosofia na Educação Básica. Realizadas essas considerações, trazemos, a seguir, as análises dos dados coletados nas entrevistas com os licenciandos.

4 Percepções dos licenciandos sobre estágio supervisionado e docência em Filosofia

As entrevistas realizadas tiveram, como sujeitos da pesquisa, 17 licenciandos de um número total de 25 alunos do 4º ano de Filosofia de uma universidade estadual do Paraná no ano de 2018. A proposta para participação estendeu-se à totalidade dos alunos, mas 17 licenciandos responderam afirmativamente ao convite.

Na pesquisa qualitativa, prevalecem mais os aspectos de análise da subjetividade dos envolvidos no processo (ESTEBAN, 2010). Nesse sentido, partimos da seguinte definição abordada por Esteban:

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade dos fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos. (ESTEBAN, 2010, p. 127)

Durante toda a pesquisa, pautamos os procedimentos éticos na autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), de modo a fundamentar a prática da pesquisa a partir das recomendações éticas vigentes e,

também, com acurado zelo aos parâmetros éticos durante todo o processo de pesquisa e não apenas de modo burocrático (BROOKS; RIELE; MAGUIRE, 2017).

Para a análise dos dados, recorreremos à metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011). Consideramos relevante apontar o que os autores afirmam sobre a ATD:

A análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo tradicional e análise do discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico. (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 7)

Com base em Moraes e Galiazzi (2011), as partes da pesquisa foram: desmontagem dos textos, estabelecimento de relações e captura do novo emergente. No processo de desmontagem das falas dos licenciandos, servimo-nos da contribuição do *software Atlas Ti* para a divisão dos dados em cinco categorias, as quais apresentamos na sequência.

4.1 Categoria I – Representações sobre o estágio supervisionado

Na Categoria I, deparamo-nos com as representações sobre o estágio supervisionado. As respostas dos licenciandos dizem respeito ao questionamento do que eles pensam sobre o estágio supervisionado. Na fala da Acadêmica 2, podemos observar uma reflexão sobre o estágio constituir-se como espaço privilegiado:

Acadêmica 2: Ah, eu acredito que sim, que seja um momento de aprendizado porque a gente está ali na realidade do aluno, na realidade da escola, vai que essa escola é sua futura escola, seu futuro trabalho. Então, eu acho que é bom a gente estar ali para conhecer para... além de estar observando, que também é algo importante, a gente vai vendo o que a gente gosta e o que não gosta, se a gente quer fazer dessa mesma forma ou não. Então, acho que é importante sim o Estágio. Ele tem uma importância grande; e ainda acho que a gente poderia participar mais e observar menos, porque você observar não é tão bom como você atuar. (Entrevista em novembro de 2017)

Já o Acadêmico 3 compreende o estágio supervisionado como lugar da aprendizagem para a futura profissão. No entanto, o desafio foi justamente constatar situações como a relatada pelo acadêmico, em que o professor regente afirmou que não precisava comparecer ao estágio porque ele assinaria as fichas de estágio sem necessidade de realizar as atividades previstas. Isso nos parece muito grave e demonstra, ainda, a falta de consciência do professor que acolhe estagiários na importante tarefa de mediar uma experiência do estágio supervisionado para os futuros licenciandos. Vejamos os dizeres do Acadêmico 3:

Acadêmico 3: Quando a gente vê a ementa da disciplina Estágio Supervisionado, a intenção é justamente essa, colocar a gente em contato com a realidade da profissão, já que, muitas vezes, nas disciplinas gerais que a gente tem, a gente talvez não tenha o tempo necessário para que a gente aprenda a história da disciplina, a disciplina e a como ensinar a disciplina. Então, o Estágio seria a disciplina que ensinaria como aplicar todo esse conhecimento. Então, tem uma riqueza aqui na sala de aula. Agora, quando vai na prática, do Estágio mesmo, que a gente vai lá, na escola para exercer essa teoria toda, acaba ficando um pouco a desejar, não em todos, não posso generalizar, mas, quando você chega em determinadas escolas, acontece realmente de o professor pedir para você não ir, porque, às vezes, ele não se sente confortável, às vezes, a turma não é... não fica agradável se tiver uma pessoa diferenciada. Aconteceu comigo, do professor já falar: “Você não precisa vir”, com a intenção na verdade de dizer “não venha”; ele falou “não precisa vir”, mas ele queria dizer “não venha porque pode ser prejudicial pra minha aula, eu vou ficar desconfortável, não vai ser bom pra você ver”, ou... “eu assino as fichas pra você, fica tranquilo”. (Entrevista em novembro de 2017)

Segundo o Acadêmico 7, instala-se uma distância significativa entre o estágio supervisionado e a realidade de outros programas em que se tem a bolsa para o professor supervisor, a exemplo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Conforme o Acadêmico 7, não se trata apenas do comprometimento do professor que acolhe os estagiários, mas de outra concepção sobre o estágio supervisionado a ser ressignificada pelos professores. A diferença é que o Pibid acaba não sendo possível para todos os acadêmicos, ao passo que o estágio supervisionado é vivenciado por todos os licenciandos; assim sendo, é importante repensarmos constantemente o formato dos estágios. Vejamos o trecho da entrevista do Acadêmico 7:

Acadêmico 7: Bom, na teoria, ele é muito importante, não tem nem como discordar, é necessário; mas, na prática, a gente vê que não é bem isso que acontece. Eu faço Pibid, e, no Pibid, é totalmente diferente a experiência, por ter ajuda de custo, no caso. O professor recebe a bolsa, eu recebo também, mas tem um envolvimento maior; é totalmente diferente. Esse ano tá até melhor, mas estou falando pelo ano passado, que foi bem complicado. Simplesmente, a professora não gostava muito, não palpitava, parecia que ela se sentia incomodada com a minha presença, parece que a estava fiscalizando. Até compreendo, né, mas esse ano está sendo bom, esse ano eu peguei um professor muito bom, estou tendo a sorte de ter um professor muito bom no Pibid [diz nome e local] e o professor [diz nome] lá onde eu estou fazendo o estágio. Eu acho que teria que repensar, mas não sei dar a resposta; tentar uma coisa aos moldes de como é o Pibid, como é acompanhado, assim; mas não de ter de ficar entregando projeto e tudo mais, mas ter uma relação maior do professor, não sei. (Entrevista em novembro de 2017)

Para Alves, Lima e Nascimento (2021), o desafio é o estágio supervisionado em Filosofia contar com professores conscientes do compromisso de propiciar uma mediação significativa a respeito dos conteúdos a serem transmitidos no Ensino Médio. Não se trata apenas de saber os conteúdos de Filosofia, mas de como ensiná-los da melhor maneira possível, de modo a provocar a reflexão e o pensamento dos estudantes do Ensino Médio.

Os dizeres do Acadêmico 9, a seguir, chamam-nos atenção, visto que ele entende a vivência do estágio supervisionado apenas como um elemento meramente burocrático. Vejamos o trecho da entrevista:

Acadêmico 9: Acho que é uma tarefa a ser cumprida, estritamente burocrática, tanto é que o curso é de Licenciatura, então eu acho que o Estágio Supervisionado para com a Filosofia não chega a ter nada a ver, é apenas uma parte profissional mesmo do professor de Filosofia, tanto que nem é todo professor de Filosofia que tem essas experiências filosóficas, não vou problematizar isso. De fato, não passa de burocracia, é apenas um complementar do currículo. (Entrevista em novembro de 2017)

O desafio é, então, superar tal entendimento e caminhar no sentido de uma vivência mais consciente do papel e da importância do estágio supervisionado na formação do futuro professor de Filosofia. Nesse sentido, são válidas as afirmações de Carneiro e Silva:

É preciso que o estagiário do curso de Filosofia compreenda o seu papel de educador e como tal, um professor reflexivo, ou seja, aquele que também reflete sobre sua própria prática. Importante se faz o reconhecimento da contribuição da perspectiva da reflexão no exercício do magistério para a valorização da profissão docente, dos saberes dos professores, do trabalho coletivo destes e das escolas, enquanto espaço de formação contínua. O professor pode produzir conhecimento a partir de sua prática, desde que na investigação reflita intencionalmente sobre ela, problematizando os resultados obtidos com o suporte da teoria. (CARNEIRO; SILVA, 2020, p. 12)

A partir dos dizeres dos acadêmicos, nesta categoria, percebemos que existe uma consciência de fato sobre a relevância do estágio supervisionado, mas que ainda persistem considerações que apontam em um sentido muito burocrático dessa etapa formativa. De acordo com Pimenta e Lima (2012), o estágio supervisionado é lugar de pesquisa sobre a própria prática dos licenciandos. Importa ressaltarmos, ainda, que as referidas autoras compreendem o estágio supervisionado como momento de construção da identidade docente. Assim, o estágio supervisionado “[...] possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício da profissão docente” (PIMENTA, 2012, p. 61). Realizadas essas considerações, passamos à segunda categoria.

4.2 Categoria II – Representações sobre a Filosofia

Há uma pluralidade de significados do próprio entendimento sobre o que é Filosofia, advindas das diversas correntes epistemológicas sobre o procedimento filosófico. Nos dizeres dos licenciandos, percebemos que há o sentido de Filosofia como criação de conceitos, que é a abordagem adotada pelas Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008). Segundo a Acadêmica 2:

Acadêmica 2: A Filosofia pra mim significa algo essencial, que você precisa da Filosofia pra pensar, pra questionar, pra ver o mundo de uma forma diferente. Tanto é que meu TCC está sendo sobre Filosofia pra criança, porque eu trabalho com crianças, e eu acho importante as crianças desde a pré-escola, desde pequeninhos já ter essa influência, esse contato com a Filosofia, porque é algo que muda a gente. (Entrevista em novembro de 2017)

Percebemos o sentido da Filosofia evocado como questionamento, provocação ao pensamento e, ainda, temos a questão da importância da Filosofia com crianças. Do ponto de vista legal, no Brasil atual, não vemos perspectiva de que a Filosofia seja implantada nas redes municipais para crianças, tendo em vista que, certamente, com o advento da BNCC, teremos um impacto direto na presença da Filosofia no próprio Ensino Médio. Assim sendo, é relevante a discussão sobre a Filosofia para as crianças porque, se elas forem apresentadas para a Filosofia, teremos um perfil diferenciado na formação das futuras gerações, muito embora, do ponto de vista prático, parece-nos pouco provável que os governantes adotem a postura de ampliar a oferta da Filosofia.

As Acadêmicas 4 e 15 assim se expressaram sobre a Filosofia:

Acadêmica 4: Uma definição simples e curta do que seria Filosofia – ela é o estudo da existência. Então, será que é possível a gente ensinar a Filosofia? Eu acho que pegando por essa definição, eu vejo a Filosofia, já que ela é o estudo da existência, então para que eu vou querer estudar a existência, né? Para que eu vou querer estudar a Filosofia? Ela é o estudo racional da existência. Eu acho que a importância da Filosofia é justamente pegar esse estudo e aplicar no nosso dia a dia. Então todas as pesquisas que são feitas, para que elas são feitas? Fazer só por fazer? Ela tem que ter uma utilidade, é para a pessoa viver melhor? Para ela, por exemplo, a questão da lógica, pra você utilizar do seu “logismo”, na hora de você ter uma discussão, uma argumentação, você ter dados concretos, você não se deixar levar por falácias. Então eu acredito que você pode ensinar, usar a Filosofia como uma ferramenta pra você viver melhor. Acho que a base, pra mim, a definição de Filosofia é isso, né. (Entrevista em novembro de 2017)

Acadêmica 15: Bom, na minha opinião, de acordo com a perspectiva filosófica que mais me afeta, a Filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos, isso é uma perspectiva deleuziana, de Deleuze, mas acho que ela explica bem, porque muitos entendem Filosofia só como uma reflexão sobre. Eu acho que isso descaracteriza muito, tira muito dela, empobrece a Filosofia. Então, pra mim, é a disciplina que cria conceitos. (Entrevista em novembro de 2017)

O entendimento da Acadêmica 4 é mais voltado à uma Filosofia existencialista, que dá significado à própria existência. Já os dizeres da Acadêmica 15 apontam-nos para uma reflexão da Filosofia como criação de conceitos. Vale considerarmos a própria definição de Deleuze e Guattari em relação à Filosofia:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. O amigo seria o amigo de suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade do criador e de seu duplo? Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11)

Esse entendimento parece-nos atender às demandas da Filosofia no Ensino Médio, no sentido de que possibilita aos estudantes da Educação Básica uma compreensão mais aprofundada sobre os mecanismos de criação conceitual. A Filosofia, operada por conceitos, permite que os estudantes do Ensino Médio revejam seus próprios conceitos e formulem novos entendimentos a partir do contato com a conceituação dos filósofos da história da Filosofia.

As Acadêmicas 16 e 17 demonstram, também, uma variedade de perspectivas sobre o entendimento sobre o que é Filosofia:

Acadêmica 16: Pra mim, Filosofia é a liberdade de pensar a totalidade das coisas e, por meio disso, criar, construir e se colocar no mundo, seria isso. (Entrevista em novembro de 2017)

Acadêmico 17: Nossa, que difícil o que é Filosofia. Filosofia seria um...seria o pensamento de tudo, algo que a pessoa tem... não, entender o seu cotidiano, entender, não ficar passivo, entender o ser humano, entender o que tem a sua volta, não só receber, entender por que algo acontece; por exemplo: por que os costumes são assim? De onde vem isso? Por que a sociedade se organiza desse jeito? De onde vem? A história desse lugar. Isso que seria Filosofia. Entender tudo, o ser humano em geral. (Entrevista em novembro de 2017)

Nos dizeres desses acadêmicos, percebemos uma perspectiva ampla sobre a Filosofia, entendendo-a como reflexão, questionamento e crítica da realidade. Carrilho (2001, p. 40, grifo do autor) ajuda-nos também a refletir sobre a identidade da Filosofia quando afirma que “[...] mais do que ‘a’ Filosofia, o que existe é uma pluralidade de filosofias que se manifesta na diversidade das suas problematizações”. O filósofo em referência reflete sobre a identidade da Filosofia na contemporaneidade e nos deixa uma

contribuição no sentido de pensar na pluralidade de identidades, assim como pensar que qualquer circunscrição de significado reduzindo apenas à definição é um reducionismo.

Assim, nas falas dos licenciandos, constatamos uma diversidade de interpretações do significado da própria Filosofia, o que denota um aspecto positivo no sentido de que o curso de Filosofia da instituição, que foi o lugar da pesquisa, possibilita aos licenciandos essa diversidade. A seguir, discorreremos sobre a terceira categoria.

4.3 Categoria III – Motivação para cursar Filosofia

Nesta categoria, podemos perceber as motivações dos licenciandos para cursar a licenciatura em Filosofia. A Acadêmica 1 afirma que sempre desejou fazer Filosofia, mas ela passou por uma longa trajetória até ter contato com o curso.

Acadêmica 1: Eu sempre quis fazer Filosofia, foi meu curso de origem. Eu morava em São Paulo, eu sou de São Paulo - eu sou de São Paulo modo de dizer -, mas fui morar com seis meses, dos seis meses aos trinta anos eu morei em São Paulo. Eu fiquei na segunda fase da Fuvest, não podia tirar, não podia zerar matéria nenhuma na Fuvest; eu zerei Química. Então acabei fazendo Economia na PUC, trabalhei em banco. Depois a vida virou, fui fazer Direito, fui advogar. Aí, “quando eu me aposentar, vou fazer o que eu gosto”, que é Filosofia, hobby. Na verdade, eu queria fazer mestrado, porque tenho muita vontade de dar aula em Filosofia do Direito. (Entrevista em novembro de 2017)

Carrilho (2001, p. 14, grifo do autor) apresenta-nos uma consciência da pluralidade das filosofias e do entendimento da “[...] filosofia não como uma essência, mas como um campo”. O excerto de Carrilho a seguir relaciona-se à perspectiva da Acadêmica 1 em entender a Filosofia como um *hobby* e não como um trabalho a ser desenvolvido como futura professora:

Foi o essencialismo que, identificando a filosofia na sua totalidade com um ponto de vista particular, e procurando sempre desqualificar o outro como não filosófico, tornou a atividade filosófica pasto das mais bizarras querelas, em que se procurava negar aquilo mesmo que elas tão sugestivamente indicavam, isto é, a forte plausibilidade das teses em confronto e o seu idêntico carácter filosófico. (CARRILHO, 2001, p. 14)

Os fragmentos das Acadêmicas 2 e 12 que seguem exemplificam, também, outras motivações para cursar Filosofia. A Acadêmica 2 afirma que é o Pibid que faz o diferencial na sua realização como acadêmica de Filosofia. Já a Acadêmica 12 traz a questão de que desejava, inicialmente, cursar um Bacharelado em Filosofia e não uma Licenciatura. Parece-nos que, por não ter um Bacharelado tão perto da sua residência, ela acabou optando por cursar a Licenciatura em Filosofia. Vejamos os seus depoimentos:

Acadêmica 2: Eu sempre gostei de Filosofia e História. Então, fiquei na dúvida e quis fazer Filosofia. Daí fiz o vestibular, passei e, assim, é difícil, é bem difícil, eu sofri bastante e sofro ainda, mas é algo que...quando eu estou, como na minha experiência do Pibid, eu me sinto bem, eu gosto de estar lá, eu quero poder despertar o interesse nos meus alunos, quero contribuir pra que eles melhorem nas interpretações de texto, na vida social... despertar o lado crítico também. Acho que foi isso, não sei. (Entrevista em novembro de 2017)

Acadêmica 12: Então, eu tive contato com uma professora que acabou viabilizando a minha entrada em Filosofia no curso de Licenciatura por ser mais próximo da minha cidade. Aí, por ter o curso aqui em Jacarezinho, mesmo eu morando a duas horas daqui, mais ou menos, eu acabei vindo por um conforto de percurso. Eu não tinha total certeza ainda se eu queria trabalhar como professora depois de me formar. Se tivesse o Bacharelado, com certeza eu faria também o Bacharelado pra conseguir pesar entre as duas vertentes. Provavelmente, óbvio, depois do estágio, eu pude aceitar melhor o fato de ser Licenciatura, por mais da questão política que está acontecendo. A Filosofia está sendo meio complicado no Ensino Médio, na educação no Brasil; eu acho que eu concluiria tanto a Licenciatura quanto o Bacharelado. (Entrevista em novembro de 2017)

Percebemos, nesta categoria, que as motivações para cursar a Licenciatura em Filosofia não condizem necessariamente com a identidade de ser um futuro professor, mas envolve outras razões, como, por exemplo, o desejo de cursar um Bacharelado em Filosofia, caso fosse possível. Nesse particular, faz-se mister superarmos uma visão equivocada de Licenciaturas de Filosofia que funcionam como se fossem cursos de Bacharelado, apenas com algumas disciplinas pedagógicas em anexo.

Nesse contexto, é relevante pensarmos que se as motivações para cursar Licenciatura em Filosofia fossem mais aderentes a um projeto de ser professor, teríamos outras respostas para o entendimento da importância do estágio supervisionado, tendo em vista que é um momento todo peculiar na formação de futuros licenciados. Na

próxima categoria, discorreremos sobre as experiências dos licenciandos com a Filosofia no Ensino Médio.

4.4 Categoria IV – Experiência com a Filosofia no Ensino Médio

Nesta categoria, alguns fragmentos das entrevistas demonstram a relevância do impacto dos professores de Filosofia na vida dos licenciandos. Alguns acadêmicos tiveram uma experiência negativa com a Filosofia no Ensino Médio e, por isso, decidiram estudar Filosofia no Ensino Superior, justamente para sanar uma lacuna formativa. O Acadêmico 3, por exemplo, afirma que teve uma professora, no Ensino Médio, mais vinculada a uma visão enciclopédica. Ademais, sua motivação para estudar Filosofia era limitada, pois a professora não demonstrava a aplicabilidade dos conteúdos no cotidiano. O oposto a essa visão também ocorreu com esse licenciando, que contou uma experiência positiva com outro professor que não ensinava apenas a teoria da disciplina, mas ensinava a filosofar.

Acadêmico 3: Eu tive dois professores; eu tive Filosofia nos três anos do Ensino Médio. No primeiro ano eu tive uma professora que tinha esse sentido enciclopédico. Ela era mais teórica, ela não se preocupava nem na aplicação, porque, às vezes, surgia, a minha turma de Ensino Médio era bem questionadora, às vezes surgia uma pergunta: “Por que que a gente tá aprendendo isso?”. A resposta quase sempre era pra passar de ano; é porque pode cair no vestibular; não tinha uma coisa mais prática; nem pedagógica não era, era literalmente passado o conteúdo, tinha o texto, a gente estudava aquele texto, fazia as atividades do livro didático e, no final do bimestre, tinha uma prova. Vai levar alguma pontuação ou o trabalho que a gente apresentava na frente, assim, como seminário que valia uma nota. Então, era mais pra ganhar nota. Já o professor que eu tive no segundo e no terceiro ano era diferenciado, bastante; ele era um ótimo professor, ele já não é mais vivo, ele faleceu já, mas todos os alunos que tiveram aula com ele sempre pegam nessa parte. Ele era professor de Sociologia e de Filosofia, e ele sempre aplicava o conteúdo que tinha que ser aplicado, fazia uma metodologia bem aplicadinha mesmo, pra ele conseguir dar a aula que era necessária pra que gente aprendesse o conteúdo que vai cair no vestibular, que vai cair na prova, que é o conteúdo histórico, conteúdo enciclopédico mesmo, vou usar esse termo, e, também ele pegava uma aula, eram duas aulas que a gente tinha na semana, ele dava as aulas, depois que ele encerrava aquele conteúdo, ele dava uma aula especial, que era uma aula pra você aprender a filosofar, exercitar a Filosofia, e não aprender só a história da Filosofia, que também é importante. (Entrevista em novembro de 2017)

Quando o ensino é apenas enciclopédico, como foi a primeira experiência desse acadêmico, causa desmotivação. Urge, em sentido contrário, problematizarmos, como nos afirma Cerletti (2009), o ensino de Filosofia como uma experiência filosófica. Converter seu ensino em um problema filosófico é uma tarefa que culmina com um processo de superar o enciclopedismo, infrutífero, que não contribui para a formação cidadã a que se propõe a Filosofia na busca de sua tarefa filosófica.

Já o Acadêmico 8 afirmou:

Acadêmico 8: O primeiro momento que eu fiz o Ensino Médio eu não tive contato com a Filosofia, porque ela ainda não estava na grade. Como eu tenho...eu já tenho trinta anos, então, a primeira vez que eu fiz a Filosofia eu tinha quatorze anos e não estava na grade, fazia um bom tempo que ela estava exclusiva. Eu parei de estudar no primeiro ano do Ensino Médio, quando eu tinha quatorze anos e só retornei com vinte anos, com vinte não, com vinte e dois. Aí eu tive contato com a Filosofia, isso foi no EJA. E o meu contato com a Filosofia foi instigante porque o professor que estava dando aula de Filosofia na escola que eu estava estudando, ele era formado na USP e ele estava ali como professor voluntário. Ele estava também fazendo um trabalho voluntário, um trabalho de pesquisa. Devido ao amor que ele apresentava pela Filosofia, ele apresentou de uma forma... a metodologia que ele usou foi histórica, contextualização histórica, mas ele trazia essa contextualização histórica pra teoria filosófica e tentando fazer com que a gente entendesse aquilo e que fosse possível que a gente pensasse aquilo na prática. Isso foi instigante pra mim e foi o que me trouxe aqui. (Entrevista em novembro de 2017)

As afirmações do Acadêmico 8 apontam para a relevância da Filosofia como experiência do filosofar. O processo partia dos conhecimentos históricos em Filosofia, mas não se limitava apenas aos conhecimentos lineares da história da Filosofia, pois chegava a uma prática.

Gabriel (2017) apresenta um panorama da contribuição do pensamento de quando possibilitamos aos estudantes de Filosofia também uma experiência do pensar filosófico que transcende a qualquer visão meramente enciclopédica. Não vemos como um elemento negativo o aspecto enciclopédico da Filosofia, mas entendemos que não podemos limitar nosso conhecimento de Filosofia a um descritivismo filosófico. A Filosofia relaciona-se diretamente ao cotidiano e, assim, ela pode se constituir como uma experiência filosófica, entendimento que aprofundaremos na próxima categoria.

4.5 Categoria V – Aula de Filosofia como experiência filosófica

A aula de Filosofia como experiência filosófica é uma proposta que se opõe ao enciclopedismo em Filosofia, que se trata de uma maneira de entender a Filosofia, a qual se limita a transmitir conteúdos de Filosofia a serem memorizados de forma mecânica e sem contextualizá-los com a realidade dos estudantes. Em relação à visão enciclopédica da Filosofia, Mendes afirma:

A concepção enciclopédica de ensino de filosofia sustenta-se na compreensão de que ela está circunscrita à sua história e que ensiná-la significa ensinar os conteúdos filosóficos, entendidos como produtos do pensamento materializado na história da filosofia. Segundo essa concepção, haveria uma essência humana idealizada, a-histórica, abstrata, e caberia à educação conduzir os estudantes com o objetivo de atingir o ideal preconizado. (MENDES, 2017, p. 34)

Em uma concepção oposta sobre o entender do ensino de Filosofia, temos a proposta de uma educação filosófica que contribui para uma experiência filosófica. Podemos observar nos dizeres do Acadêmico 9, a seguir, o quanto a Filosofia foi marcante na aprendizagem não apenas da disciplina, mas também de outras, porque justamente contribuiu para uma visão diversificada do pensamento. Nesse processo, entendemos a relevância da Filosofia quando atua como uma disciplina que contribui para uma prática do pensamento e não apenas como uma teoria desvinculada do cotidiano.

Acadêmico 9: Uma experiência filosófica... quando eu falei que, pra mim, ela parece quase como uma ciência medicinal, foi realmente isso. Eu passava por problemas, todo mundo passa por problemas, mas eu não conseguia identificar a origem de algumas coisas. Não conseguia entender por que eu me sentia às vezes deslocado dentro do próprio ensino, o ensino às vezes parecia que não chegava em mim da forma que eu gostaria que fosse, sentia que alguma... não que estivesse fora do eixo, mas como se não olhassem as peculiaridades de cada aluno, me sentia um pouco carente assim, dentro da sala de aula. Quando eu entrei em contato com a Filosofia, era como se eu conversasse com aqueles autores. Tratavam de coisas que na escola eu não ouvia: problemas morais, problemas políticos, problemas de fisiologia, de psicologia. Quando eu entrei em contato com a Filosofia, eu passei a refletir sobre coisas que me tornaram mais saudável, mais aqui, me sentia mais em casa do que qualquer ambiente. Conseguia respirar o ar de qualquer lugar onde eu estava. Na educação, por exemplo, a Filosofia foi o que me impulsionou a estudar, por exemplo. Eu odiava estudar. Quando entrei em contato com a Filosofia, aí comecei a ver uns certos assuntos. Passei a olhar pra trás e tendo um pouco de surpresa de mim mesmo, por

que eu não refletia sobre isso? Questões de valores, até as relações em casa melhoram, você passa a compreender um pouco do outro, passa a compreender a si, como passa a compreender o outro. Então experiência filosófica é realmente viver aqueles pensamentos, trazer a Filosofia para você como um instrumento, um apoio mesmo pra própria vida, refletir realmente a vida. Utilizar a Filosofia como uma lente pra observar o mundo. A experiência filosófica assim eu trato nesse sentido. (Entrevista em novembro de 2017)

Gabriel (2017) discorre em sua obra sobre a possibilidade e o desafio de que se vivencie uma experiência filosófica no Ensino Médio. Segundo o autor, faz-se necessário repensar a própria formação de licenciandos para que estes vivenciem uma experiência do filosofar. Nesse sentido, vemos o quanto uma aula de Filosofia pode contribuir para uma vivência diferenciada do próprio cotidiano dos alunos.

Acadêmico 16: Uma aula de Filosofia que propicie uma experiência filosófica deveria expor a temática, talvez, pensadores que trataram... porque a Filosofia são problemas, são problemas que o homem vem se debatendo ao longo de toda a história. Cada época tem alguns problemas específicos, e a Filosofia pode ajudar a resolver esses problemas. Então seria expor, trazer o conteúdo, o Filósofo; por outro lado, conciliar e buscar na realidade, na vivência do aluno, do estudante a conexão daquele pensamento pra ver que aquela questão, por mais antigo que seja o filósofo, ela é ainda atual, ela ainda permanece, ainda que mudada e, também, permitir que ele queira se aprofundar e que, talvez, venha a aplicar na sua vivência o conteúdo que ele aprendeu e ter, pelo menos, a consciência daquilo, embora ele viva de outra forma, ele tem consciência que a realidade não é daquele jeito, que pode ser diferente e pode ser melhor. (Entrevista em novembro de 2017)

Segundo Cerletti (2009), problematizar o ensino de Filosofia do ponto de vista filosófico é um grande passo no processo da reflexão epistemológica. Particularmente, em relação ao estágio supervisionado, pelo que expusemos neste artigo, parece-nos relevante que também possamos problematizá-lo do ponto de vista filosófico. Desse modo, o estágio supervisionado constitui-se como um momento peculiar que precisa proporcionar uma experiência do cotidiano da realidade escolar.

5 Considerações finais

O objetivo deste texto foi compreender como licenciandos do curso de Filosofia percebem a relevância do estágio supervisionado na sua formação como futuros professores de Filosofia. Pudemos observar, nas falas dos licenciandos, que eles estão conscientes da importância do estágio supervisionado na sua formação como futuros professores de Filosofia.

Em se tratando da motivação inicial para serem professores de Filosofia, ressaltamos, pelos relatos dos licenciandos, que ela se relacionava à experiência com a Filosofia que vivenciaram no Ensino Médio. Alguns tiveram uma expectativa negativa com seus professores dessa disciplina, os quais ensinavam com uma metodologia apenas descritiva dos sistemas filosóficos, não contribuindo, assim, para a aprendizagem filosófica significativa. Por isso, esses alunos desejaram ingressar em uma Licenciatura para aprofundarem seus conhecimentos de Filosofia. Outros, escolheram-na justamente porque ela lhes foi muito bem apresentada e, desse modo, apaixonaram-se pela Filosofia e decidiram aprofundar seus estudos em uma Licenciatura.

Sobre as representações do estágio supervisionado, percebemos um entendimento que perpassou as afirmações dos licenciandos de que a Filosofia é inerente à existência, não podendo limitar-se a um enciclopedismo. Concluímos, pelas falas dos participantes, que não podemos ter um contato genuíno com a Filosofia e permanecermos inertes em nossa existência. Já o estágio supervisionado é entendido como um momento não mais importante que a formação integral, mas considerado um momento todo particular na vida acadêmica dos licenciandos, porque os alunos têm contato direto com a realidade do ambiente escolar.

Enfim, entendemos, a partir da análise dos dados empíricos, que o estágio supervisionado em Filosofia possibilita aos licenciandos a oportunidade de mediar uma experiência filosófica com os alunos do Ensino Médio. Quanto mais os licenciandos dispuserem de meios para o exercício de uma experiência do filosofar na formação como acadêmicos, mais facilidades terão para promover um ensino de Filosofia na Educação Básica que não se limite a um ensino descritivista, mas, sim, um ensino que possibilite uma experiência do pensar por conceitos, relacionando o ensino de Filosofia à existência.

Referências

- ALVES, Francione Charapa; LIMA, Miguel Junior Zacarias; NASCIMENTO, Ana Maria do. Aprendizagens adquiridas no estágio em ensino de filosofia: concepções de licenciandos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 30785-307999, mar. 2021.
- BROOKS, Rachel; RIELE, Kitty te; MAGUIRE, Meg. **Ética e pesquisa em educação**. Tradução Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2017.
- CARNEIRO, Stania Nagila Vasconcelos; SILVA, Elisângela André da. O estágio supervisionado na formação do professor de filosofia. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, p. 1-18, 2020.
- CARRILHO, Manuel Maria. **O que é filosofia**. Coimbra: Químera Editores, 2001.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- ESTEBAN, M. Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- GABRIEL, Fábio. **A aula de filosofia enquanto experiência filosófica: possibilitar ao estudante de filosofia ‘criar conceitos’ e ou ‘avaliar o valor dos valores’**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.
- MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **Didática e metodologia do ensino de filosofia no ensino médio**. Curitiba: Intersaberes, 2017.
- MORAES; Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação básica: filosofia**. Curitiba: Secretaria de Educação, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filosofia.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

Recebido em: 12/06/2021
Revisões requeridas em: 19/07/2022
Aprovado em: 09/08/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 24 - Número 54 - Ano 2023
revistalinhas@gmail.com